

ENTRE O GOSTO LEGÍTIMO E A MULHER ARDILOSA: CLASSIFICAÇÕES DE GÊNERO EM UM CURSO DE SEDUÇÃO

BETWEEN LEGITIMATE TASTE AND THE CUNNING WOMAN: GENDER CLASSIFICATIONS IN A SEDUCTION COURSE

Maria Chaves Jardim¹

Marcelo da Silva Junior²

RESUMO

O artigo analisa as classificações de gênero difundidas por um curso brasileiro de sedução masculina oferecido no YouTube e em uma plataforma privada. O objetivo é identificar as crenças sobre masculino e feminino que esses espaços ditos pedagógicos distribuem aos seus alunos. A pesquisa baseia-se em etnografia digital e análise temática de um corpus composto por 105 vídeos/aulas, publicados em novembro de 2019, além da observação do grupo de WhatsApp associado ao curso no período de agosto de 2023 a agosto de 2024. Os dados foram tratados a partir da sociologia do gosto de Pierre Bourdieu, em complemento com a tese de pureza e perigo de Mary Douglas. O argumento central é que o discurso distribuído no curso organiza uma oposição moral entre o “homem conquistador”, representado como ativo, experiente e valioso, e a “mulher ardilosa”, definida como aquela que possui uma falha moral, já que recusa ou frustra expectativas masculinas e, portanto, é descrita como manipuladora, infiel e responsável pelo sofrimento masculino.

PALAVRAS-CHAVE: masculinidades; gênero; misoginia; sedução; etnografia digital.

ABSTRACT

The article analyzes the gender classifications spread by a Brazilian male seduction course offered on YouTube and on a private platform. The goal is to identify the beliefs about masculinity and femininity that these so-called educational spaces distribute to their students. The research is based on digital ethnography and thematic analysis of a corpus composed of 105 videos/classes, published in November 2019, as well as observation of

¹ É Professora Livre Docente do Departamento de Ciências Sociais da UNESP de Araraquara e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da FCLAr. É a Editora Chefe da Revista Estudos de Sociologia da UNESP de Araraquara. É Bolsista Produtividade no CNPQ e líder do NESPOM-UNESP (Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Sociedade, Emoções, Poder, Organização e Mercado) e colabora com o Núcleo de Sociologia Econômica e das Finanças (NESEFI) da UFSCar. E-mail: maria.jardim@unesp.br

² Mestrando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho (UNESP), campus de Araraquara. Graduado em Ciências Sociais (bacharelado e licenciatura) pela UNESP. Atualmente é bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). E-mail: marcelo.jr@unesp.br

Entre o gosto legítimo e a mulher ardilosa: classificações de gênero em um curso de sedução – Maria Chaves Jardim; Marcelo da Silva Junior – p. 63-86

the WhatsApp group associated with the course from August 2023 to August 2024. The data were examined using Pierre Bourdieu's sociology of taste, complemented by Mary Douglas' theory of purity and danger. The central argument is that the discourse spread by the course organizes a moral opposition between the "conquering man," portrayed as active, experienced, and valuable, and the "cunning woman," defined as someone who has a moral flaw, since she refuses or frustrates male expectations, and is therefore described as manipulative, unfaithful and responsible for male suffering.

KEYWORDS: masculinities; gender; misogyny; seduction; digital ethnography.

INTRODUÇÃO

Dados do Anuário da Segurança Pública indicam que o feminicídio aumentou em 4% em 2025 no Brasil (Stabile, Arthur, 2026). Da mesma forma, houve alta nos indicadores da violência contra a mulher no mesmo período. A tentativa de feminicídio aumentou 6%, as agressões decorrentes de violência doméstica 2,6%, a violência psicológica 17%, as ameaças 0,5%, o descumprimento de medida protetiva 17% e, finalmente, o *stalking*, 30%. Enquanto isso, os dados sobre morte e violência, no geral, caíram 8% no mesmo ano (Stabile, Arthur, 2026 2026).

Para Juliana Brandão, coordenadora da comissão gênero e raça do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (Stabile, Arthur, 2026), a violência doméstica é “fortemente influenciada pela desigualdade de gênero e por padrões culturais de dominação masculina, tais como o controle coercitivo sobre a vida e a autonomia das mulheres, além da fragilidade na rede de proteção às vítimas³”. Esses indicadores se tornam sociologicamente relevantes quando colocados em relação com repertórios culturais que naturalizam a desigualdade de gênero, culpabilizam as mulheres pelos fracassos masculinos e legitimam formas de controle sobre sua autonomia.

Nesse contexto, Pierre Bourdieu deixou importantes *insights* para nos ajudar a refletir sobre esses dados. No livro *A Dominação Masculina* (2019), publicado em 1998, Bourdieu argumenta que a cultura de dominação masculina é uma *doxa*, que inferioriza o feminino e valoriza o masculino, e que essa cultura é inserida como um arbitrário cultural no inconsciente coletivo, ou seja, naturalizada, o que quer dizer, normal. Ainda

³ Disponível em: [Feminicídios batem recorde no Brasil, na contramão dos assassinatos](#) | G1.

Entre o gosto legítimo e a mulher ardilosa: classificações de gênero em um curso de sedução – Maria Chaves Jardim; Marcelo da Silva Junior – p. 63-86

naquele contexto, o autor escandalizou a bibliografia da época, ao afirmar que a dominação masculina só funciona porque conta com a cumplicidade das próprias dominadas, as mulheres, e que a cumplicidade das mulheres não acontece de forma consciente; ou seja, a cultura de superioridade do masculino é transmitida em um processo inconsciente e se objetiva na ação prática, resultado da violência simbólica à qual está submetida o feminino, uma violência suave, invisível e doce, que de tão natural, não se faz notar, nem mesmo pelas vítimas.

Nas pesquisas empíricas realizadas por nós, temos observado que as relações afetivas heterossexuais são espaços privilegiados para o exercício da dominação masculina e da violência simbólica. Por exemplo, os homens relatam preferir mulheres dentro dos padrões estéticos e mais jovens que eles (Jardim; Moura, 2017) e afirmam desinteresse por mulheres fora do perfil de beleza legítima, como mulheres pretas (Jardim, Paoliello, 2022). Além disso, os homens relatam preferência por mulheres socializadas para o casamento e a maternidade, assim como rejeitam mulheres engajadas com a política ou com assuntos sociais. Também verificamos diversas críticas, veladas ou diretas às mulheres feministas (Jardim, Moura, 2017).

Em diálogo com a cumplicidade feminina já demonstrada por Bourdieu (2019), nossas pesquisas têm apontado que as mulheres fazem diversos sacrifícios para conquistar e manter um relacionamento afetivo, suportando violência psicológica, traições e até mesmo violência física (Jardim, 2019). Uma metáfora que encontramos no mercado de casamento é que o homem é uma mercadoria escassa e como tal precisa ser valorizada (Jardim, 2019). Portanto, apesar das desigualdades existentes nos relacionamentos afetivos, o homem é considerado um tipo de troféu para o público feminino, um bem simbólico desejado, o qual justifica todos os tipos de sacrifícios do feminino.

Dando sequência às nossas pesquisas anteriores, o objetivo desse artigo é analisar as classificações de gênero difundidas por um curso brasileiro de sedução voltado para o público masculino, oferecido tanto no YouTube quanto em uma plataforma privada. Esse curso tem como objetivo ensinar os homens a conquistar as mulheres, por meio de “dicas” e aulas oferecidas pelo seu proprietário. Nesse sentido, buscamos identificar as crenças sobre o masculino e o feminino que esses espaços ditos pedagógicos distribuem aos seus “alunos”.

Entre o gosto legítimo e a mulher ardilosa: classificações de gênero em um curso de sedução – Maria Chaves Jardim; Marcelo da Silva Junior – p. 63-86

Em termos teóricos, dialogamos com o livro *A Distinção* (2007), de Pierre Bourdieu, que mostra a construção do que se convencionou chamar de gosto legítimo e daquilo que é considerado gosto vulgar e desinteressante. Nesse sentido, o artigo amplia o debate já existente sobre dominação masculina, defendendo uma construção social que coloca o masculino hegemônico como o gosto legítimo, ou seja, o gosto que exprime poder, e o feminino como desgosto ou o gosto vulgar. Da mesma forma, nos inspiramos em Mary Douglas, mais especialmente em seu livro *Pureza e Perigo* (1991), para capturar o discurso de ódio ao feminino, eufemizado na ideia de nojo ou desprezo.

Em termos metodológicos, realizamos etnografia digital no canal do YouTube e em seu curso privado, oferecido, também, pelo seu proprietário, combinada à análise de conteúdo, conforme Laurence Bardin (2009). Durante a imersão online, coletamos e analisamos as crenças sobre o masculino e o feminino divulgadas no curso.

Os dados apontam que a iniciativa masculina é vista como um sinal de valor e a autonomia feminina como um atributo moralmente desqualificado. Sustentamos, assim, que o curso produz crenças moralizantes: o homem conquistador é apresentado como sujeito ativo e legítimo, enquanto a mulher que rejeita, escolhe ou troca de parceiro é descrita como ardilosa, perigosa e indigna de confiança. Além disso, parte do fracasso masculino é creditado à mulher, categorizada como impura e perigosa. Em diálogo com Mary Douglas, trata-se, portanto, da mulher relacionada ao nojo ou ao desgosto, aquela que não é digna do amor, mas do ódio; em contraponto ao homem, considerado o conquistador, o puro, o gosto legítimo.

O artigo está dividido da seguinte forma: na primeira seção, apresentamos como a sociologia do gosto de Pierre Bourdieu e a tese de pureza e perigo de Mary Douglas podem ser úteis ao debate da dominação masculina; em seguida, apresentamos uma revisão bibliográfica sobre masculinidade; finalmente, apresentamos a pesquisa de campo, os dados empíricos e as análises.

Entre o gosto legítimo e a mulher ardilosa: classificações de gênero em um curso de sedução – Maria Chaves Jardim; Marcelo da Silva Junior – p. 63-86

SOCIOLOGIA DO GOSTO DE PIERRE BOURDIEU: AMPLIANDO O DEBATE SOBRE DOMINAÇÃO MASCULINA

O livro *A Distinção: Crítica Social do Julgamento* (2007), de Pierre Bourdieu, publicado em 1979, é resultado de uma ampla pesquisa empírica realizada ao longo dos anos 1970, a partir da qual Bourdieu coloca o gosto no centro do debate da teoria social. Nesse livro, o autor demonstra que o gosto não é uma categoria inata, mas construída socialmente, tendo o capital cultural grande importância na definição do gosto dos agentes sociais. Portanto, Bourdieu rejeita as categorias do senso comum que afirmam que o gosto é algo individual, e que ignoram todas as desigualdades trazidas pelo gosto, que, a seu ver, expressa relações de poder.

Nesse contexto, Bourdieu (2007) mostra que os julgamentos e as preferências estéticas são resultados de construções sociais, no sentido de que estão ligados à posição que o agente ocupa no espaço social, a um *habitus* de classe, que, por sua vez, leva à distinção entre as classes sociais e entre os próprios agentes sociais. Também demonstra que existe um gosto considerado legítimo, o gosto ligado às classes dominantes, o qual fabrica um determinado olhar estético sobre o mundo social. O autor também demonstra que existe um gosto vulgar, desclassificado, mais próximo das classes populares.

Bourdieu (2007) enfatiza que os bens simbólicos e materiais são incorporados nos corpos e nas mentes dos agentes sociais por meio da socialização (família, escola etc.), formando o *habitus*, dispositivo acionado para a ação prática, que fabrica trajetórias individuais e coletivas. A noção de *habitus* articula tanto as motivações inconscientes quanto as ações conscientes. Portanto, para Bourdieu (2007), qualquer decisão consciente dos agentes sociais vem precedida de uma inconsciente apreciação, que se realiza por meio da prática.

Essa apreciação inconsciente cria fios invisíveis que ligam e separam os agentes sociais, sob a forma de vínculos convergência (solidariedade), de um lado, e divergência de outro (preconceito) (Bourdieu, 2007). O *habitus* é um sistema de pré-disposição, que faz a mediação entre o sistema cognitivo de crenças dos agentes e suas práticas. Com isso, os agentes sociais dispõem de um senso prático e de esquemas de classificação social que formam as suas visões de mundo, sob a forma de crenças (Bourdieu, 2007).

Entre o gosto legítimo e a mulher ardilosa: classificações de gênero em um curso de sedução – Maria Chaves Jardim; Marcelo da Silva Junior – p. 63-86

É nesse sentido que a disposição estética, mais concretamente o gosto, expressa relações de poder e de distinção social (Bourdieu, 2007). Tanto as escolhas artísticas quanto as escolhas cotidianas (alimentação, esportes, mobília, roupas, corte de cabelo, forma de falar e de se comportar, parceiros afetivos com quem se relaciona) servem como marcas de distinção, criando orquestração do *habitus*, quando existe convergência entre os agentes, e rejeição quando há divergência nas visões de mundo (Bourdieu, 2007).

Nesse sentido, a relação pode gerar amor ou rejeição, solidariedade ou preconceito (Bourdieu, 2007). É assim que é construída a oposição entre, de um lado, a estética popular fundada na continuidade da arte e da vida, e a estética das classes dominantes, que se define pelo distanciamento e sublimação das necessidades básicas, o que confere reconhecimento e prestígio às classes portadoras do refinamento social (Bourdieu, 2007).

Nesse livro, Bourdieu (2007) explicita a força da violência simbólica, uma violência invisível, que é produzida e reproduzida por aqueles que detêm o gosto legítimo como monopólio e reforçada pelos dominados, nesse caso, aqueles que possuem o gosto desclassificado no mercado de bens simbólicos.

Ampliando essa reflexão para o tema de gênero, mobilizamos a noção de gosto legítimo não para identificar diretamente o masculino como um “gosto”, mas para examinar como o curso de sedução analisado neste artigo institui princípios de classificação moral que conferem legitimidade às disposições masculinas hegemônicas, associadas à conquista, e, ao mesmo tempo, desqualificam disposições femininas associadas à autonomia e à recusa. É nesse sentido que podemos pensar que o homem hegemônico se torna o gosto legítimo e a mulher ardilosa o gosto desqualificado, ou ainda, o desgosto.

MARY DOUGLAS: PUREZA, PERIGO E CLASSIFICAÇÕES MORAIS DO FEMININO

No livro *Pureza e Perigo* (1996), Mary Douglas aborda as antinomias pureza/impureza, limpeza/sujeira, contágio/purificação, ordem/desordem que são as constantes de uma temática que abrange desde alimentação e higiene, até religião e tabus sexuais. No decorrer da discussão, Douglas defende que o risco age na sociedade e cria ameaças à ordem social. No tema desse artigo, a mulher que não se encaixa no lugar moralmente

Entre o gosto legítimo e a mulher ardilosa: classificações de gênero em um curso de sedução – Maria Chaves Jardim; Marcelo da Silva Junior – p. 63-86

definido pela classificação masculina, ou ainda, aquela que escolhe, recusa, troca de parceiro ou exerce autonomia sexual e afetiva, representaria o perigo, a poluição, o tabu e o risco, enquanto o homem se tornaria a pureza, a solução, a ordem social. É essa mulher que não seria merecedora do amor, mas do ódio masculino.

Portanto, tanto a sociologia do gosto de Pierre Bourdieu quanto a ideia de perigo e pureza, de Mary Douglas, nos remetem à ideia do masculino como o superior, o gosto legítimo, a ordem social e a mulher como submissa, desgosto, o risco e a impureza. É sobre isso que nosso artigo se debruça, colocando em tela o debate sobre masculinidade.

MASCULINIDADES, DOMINAÇÃO E HIERARQUIAS DE GÊNERO

Os estudos sobre masculinidade no Brasil ainda se encontram em processo de consolidação, enquanto, na Europa e nos Estados Unidos, esse campo de investigação apresenta trajetória mais consolidada. Segundo Botton (2007), a constituição dos estudos sobre masculinidade nas ciências humanas possui caráter interdisciplinar, articulando contribuições da Psicanálise, da Sociologia, da Antropologia e da História.

Os primeiros estudos sobre masculinidade remontam ao século XIX, e, fundamentados em modelos naturalistas, sustentavam uma suposta superioridade masculina ligada à formação biológica, atribuindo, inclusive, vantagens sexuais e biológicas relacionadas ao pênis. Assim, as desigualdades entre homens e mulheres seriam naturais e, portanto, inquestionáveis.

Connell (1995) e Kimmel (1998) destacam a importância dos movimentos feministas e LGBTQIAP+ nas universidades e nos movimentos sociais no final do século XX para a construção de uma agenda sobre masculinidade para além do biológico, já que esses movimentos contribuíram para ampliar as discussões sobre patriarcado e dominação masculina, uma vez passaram a denunciar as assimetrias de gênero produzidas pela dominação masculina e a opressão que o patriarcado exerce sobre as mulheres e também sobre os homens homossexuais. Essas relações de abuso colocam em evidência os privilégios associados ao modelo tradicional de masculinidade, sobretudo entre homens brancos, heterossexuais, europeus e pertencentes às classes médias e alta.

Entre o gosto legítimo e a mulher ardilosa: classificações de gênero em um curso de sedução – Maria Chaves Jardim; Marcelo da Silva Junior – p. 63-86

Na segunda metade do século XX, a crítica feminista emerge como a principal contestadora da concepção essencialista da sexualidade. A interpretação passa a transcender o sexo biológico, enfatizando que o sexo biológico não determina os comportamentos sociais, mas sim os gêneros, que são construídos e estruturados socialmente (Botton, 2007). Nesse contexto, o conceito de gênero começa a se consolidar, impulsionando novos debates que desafiavam as concepções de sexo como algo “naturalmente” determinado.

Diferenciar sexo de gênero torna-se, portanto, crucial para compreender a masculinidade, uma vez que esta passa a ser analisada como uma construção social dos gêneros (Botton, 2007). A partir desse momento, refuta-se a ideia de que os comportamentos de gênero são fruto de uma construção natural, perspectiva até então sustentada pelo discurso técnico-científico, que passa a ser reinterpretado como uma visão de cunho político-ideológico.

Connell (1987) destaca a construção social da masculinidade em articulação com o conceito de masculinidade hegemônica. Esse conceito foi sendo posteriormente remodelado após os usos e as críticas formuladas por diversos autores. Entre as duas principais críticas acolhidas por Connell e Messerschmidt, (2013), estão aquelas formulações que apontavam que o conceito buscava estabelecer um padrão único de poder entre as diferentes masculinidades e feminilidades, bem como o entendimento das masculinidades como um conjunto de traços psicológicos que um homem possui, o que acabava colocando a masculinidade hegemônica como um conjunto de características fixas.

Após as críticas, Connell e Messerschmidt (2013) sugerem três estruturas simples para a masculinidade hegemônica, a saber: nível local, nível regional e nível global. Os níveis se inter cruzam, gerando possibilidades de masculinidade na realidade social e esses entrelaçamentos transformam-se e modificam-se de acordo com a realidade dos agentes (Connell; Messerschmidt, 2013).

A masculinidade hegemônica, enquanto conceito, tem sido adotada nas últimas décadas por diferentes áreas do conhecimento, se flexibilizando como conceito e se adequando às mudanças da realidade social. Nesse sentido, os estudos de masculinidade são compreendidos como estudos de gênero, tentando, sobretudo, distanciar-se de

Entre o gosto legítimo e a mulher ardilosa: classificações de gênero em um curso de sedução – Maria Chaves Jardim; Marcelo da Silva Junior – p. 63-86

conceitos generalistas. O conceito de masculinidade hegemônica procura identificar os novos padrões de hegemonia que estão sendo moldados nas arenas globais das corporações transnacionais, dos meios de comunicação e dos sistemas de segurança. (Connell; Messerschmidt, 2013).

Na mesma direção, Bourdieu (2019) e Zelizer (2009; 2011) exploram como a hierarquia de gênero é percebida como natural e consolidada pelo social, definindo modos distintos de comportamento: para o masculino, uma postura ativa e viril; para o feminino, uma atitude passiva e sensível. Essa relação cria pares de oposição entre o feminino e o masculino, estabelecendo papéis e identidade opostas e conflitantes que sustentam a dominação masculina.

Embora exemplos cotidianos possam contradizer essa lógica – como homens afetuosos e mulheres ativas, ou homens passivos e mulheres agressivas – as representações idealizadas dos papéis sociais permanecem arraigadas nas mentalidades. “Agir como homem” ou “agir como mulher” está intrinsecamente ligado ao que se espera do comportamento de um homem e de uma mulher, seja de forma implícita ou explícita. Esse processo é consolidado pela relação de violência simbólica entre dominantes e dominados, colocadas em posições relacionais opostas presentes em ritos que reforçam as hierarquias de gênero. Os homens projetam inconscientemente sua dominação sobre as mulheres, de maneira que essa dominação deriva das práticas, estruturas e discursos sociais, enquanto as mulheres, de forma inconsciente, perpetuam essa dominação na ação prática. Isso resulta na *doxa* dominante, incorporada no tecido social e perpetuada por essas posições de gênero predefinidas (Bourdieu, 2019).

Para Pinho (2005), o poder masculino está relacionado à maior demonstração de elementos da sua “masculinidade” em paralelo ao apagamento ou supressão de características femininas, ou seja, os aspectos masculinos têm o caráter simbólico de poder. Virilidade e masculinidade são marcadores sociais interconectados e relacionais, entrelaçando-se com outros marcadores sociais, como etnia/raça, classe social, origem social, nacionalidade, gênero, entre outros. Esses marcadores emergem nas relações de gênero como construções sociais, integrando-se na *hexis* corporal masculina. Isso ocorre por meio de discursos, atitudes, gostos e expressões afetivas. No entanto, o discurso amplamente difundido no senso comum atribui, de forma naturalizada, à biologia ou a

Entre o gosto legítimo e a mulher ardilosa: classificações de gênero em um curso de sedução – Maria Chaves Jardim; Marcelo da Silva Junior – p. 63-86

características psicológicas valores fisiológicos de superioridade, logo, de maneira arbitrária (Pinho, 2005).

A compreensão das relações de gênero e suas hierarquias influencia diretamente os estudos de masculinidade em diferentes contextos. Pamplona e Barros (2021) apontam que, embora os estudos de masculinidade no Brasil tenham aumentado nas diferentes áreas do conhecimento, esses estudos frequentemente utilizam referências teóricas próprias, restringindo o debate aos interlocutores da mesma área. Na sociologia, as autoras indicam que os estudos sobre a masculinidade estão dando os primeiros passos, com poucas pesquisas que realizam comparações entre as diferentes manifestações das masculinidades, o que limita os resultados das pesquisas.

Nesse debate, não podemos ignorar a discussão sobre o ódio ao feminino, expresso no desprezo, na submissão, no abuso e no feminicídio. Segundo Manne (2018), o machismo e a misoginia estão intimamente relacionados, mas o machismo consiste na estrutura ideológica da sociedade androcêntrica, baseada na ordem patriarcal. Esse condiciona normas sexistas, crenças, pseudoteorias, estereótipos e narrativas que diferenciam homens e mulheres, atribuindo-lhes características diferentes. A misoginia, por outro lado, está associada ao ódio às mulheres, manifestando-se por meio de atitudes hostis e violentas contra as mulheres que deixam de cumprir os papéis esperados pelo masculino. Portanto, essas mulheres merecem a desconfiança ou a correção masculina, porque recusam a função afetiva e sexual esperada. Em nossa pesquisa, o ódio criaria o nojo do feminino, expresso no desprezo, conforme iremos argumentar adiante.

Em uma sociedade machista, a misoginia funciona como um ataque agressivo, hostil e coercitivo, buscando forçar as mulheres a cumprirem papéis de submissão ao sistema patriarcal (Manne, 2018). De acordo com Manne, a misoginia pode se manifestar de diversas maneiras, não se limitando apenas à violência física ou ameaças. Portanto, comportamentos como infantilizar, ridicularizar, humilhar, silenciar e adotar atitudes paternalistas são igualmente considerados misóginos (Manne, 2018, p. 68). No curso de sedução analisado, foi possível identificar a misoginia de diversas maneiras: seja na infantilização e objetivação da mulher, seja no discurso de assédio e abuso como formas legítimas na conquista. A misoginia também se expressou no desprezo e no ódio pelas mulheres que demonstram autonomia afetiva e sexual diante do masculino.

Entre o gosto legítimo e a mulher ardilosa: classificações de gênero em um curso de sedução – Maria Chaves Jardim; Marcelo da Silva Junior – p. 63-86

No contexto brasileiro, Jardim, Coelho e Vieira (2023) acompanharam um grupo de homens, que buscavam uma masculinidade mais saudável, no grupo terapêutico Lugar de Escuta. Nessa pesquisa, os homens reconheciam que foram educados em valores machistas, mas expressavam o desejo de maior acolhimento ao feminino e, por fim, a realização no amor.

Com o surgimento do mundo digital, surgem iniciativas de estudos que colocam a masculinidade nesses espaços virtuais. Por exemplo, Pelúcio (2016) investiga o comportamento de homens nos aplicativos de relacionamento *Happn* e *Adote um Cara*, tendo como foco em homens nascidos entre 1945 e 1986. Sua pesquisa relaciona a revolução sexual ao neoliberalismo, destacando como os aplicativos moldam subjetividades e criam uma “nova economia do desejo” (Miskolci, 2014), ampliando parcerias disponíveis e refletindo a flexibilidade e insegurança características do neoliberalismo.

Pelúcio (2016) aborda, também, como homens heteronormativos lidam com as mudanças nos relacionamentos afetivos, influenciados pelas lutas feministas e pelos debates de gênero. Embora celebrem a liberdade sexual feminina, muitos reproduzem atitudes machistas, acusando mulheres de “falta de conteúdo” e culpando-as pelo fracasso nas interações.

Pelúcio (2016) analisa o impacto que os aplicativos de relacionamento produzem, argumentando que as relações se tornaram bens de consumo. Apesar da frustração com a falta de vínculos duradouros, há muitos consumidores de afeto, especialmente os homens, que valorizam os “laços fracos”, pela facilidade de rompimento emocional e pela satisfação sexual (Miskolci, 2014).

Pelúcio (2016) trabalha com a hipótese de que os mercados sexuais digitais refletem fatores histórico-sociais e políticos, operando de forma segmentada e exigindo estudos específicos para mapear suas trocas. Apesar da incorporação das lutas feministas, valores hierárquicos de gênero permanecem enraizados, com os homens sustentando discursos de superioridade moral nas relações afetivas.

O julgamento do comportamento feminino e a misoginia são as bases para outros grupos masculinistas emergentes no ambiente online (Vilaça; D’Andrea, 2021; Santos; Lima-Santos, 2022). Segundo os autores Vilaça e D’Andrea (2021), o movimento

Entre o gosto legítimo e a mulher ardilosa: classificações de gênero em um curso de sedução – Maria Chaves Jardim; Marcelo da Silva Junior – p. 63-86

iniciado pelo *Alt-Right* é um complexo extremista de direita que se norteia pela defesa da hegemonia branca e da “cultura europeia e estadunidense”, utilizando a internet para deslegitimar pautas étnico-raciais, mas também de sexualidade e de gênero.

Esses grupos surgiram em plataformas online, principalmente no *Reddit*, que se autoproclamava “página inicial da internet”⁴. Em 2021, foi o terceiro site mais acessado dos Estados Unidos⁵, ficando atrás do Google e do YouTube. A plataforma era conhecida por ser um espaço online sem julgamento (Vilaça; D’Andrea, 2021), com seu próprio modo de organização e políticas centradas na liberdade de expressão dos usuários. Portanto, o site se tornou a plataforma ideal para o surgimento de uma “cultura nerd” e para aqueles que se interessavam pelo STEM⁶ (Massanari, 2017), atributos relacionados às masculinidades.

Dados de uma pesquisa realizada pela NETLab sobre canais e conteúdos machistas e misóginos no YouTube apontam 76.289 conteúdos da machosfera, publicados por 7.812 canais, dentre vídeos regulares do YouTube, shorts e transmissões ao vivo (Santini et al., 2024). Do total desta produção, as temáticas envolviam o desenvolvimento pessoal masculino, relacionamentos, direito, política, cultura, entretenimento e humor. As visualizações somadas chegam a 4,1 bilhões e 23 milhões de comentários, com a maioria dos vídeos postados a partir de 2021 e um aumento significativo de publicações entre 2023 e 2024 (Santini et al., 2024). Esses conteúdos expõem um aumento de discursos misóginos, iniciativas reacionárias, avanço de perspectivas conservadoras e neoconservadoras, lutas contra pautas feministas e uma orquestração feita por homens, para impedir o progresso dos direitos conquistados por mulheres (Santini et al., 2024).

Das subculturas⁷ masculinistas que emergiram do *Reddit*, a mais conhecida ou popularizada nas redes sociais é a dos *The Red Pills*, grupo que utiliza a metáfora da

⁴Em julho de 2021, o *Reddit* atualizou a sua tagline e passou a usar "Dive into anything".

⁵Disponível em: <https://www.inc.com/minda-zetlin/mit-psychopath-ai-norman-reddit-violence-actions.html>. Acesso em: 13 set. 2021.

⁶Siglas usadas para ciência, tecnologia, engenharia e matemática de acordo com a grafia inglesa dessas palavras.

⁷ Conceito utilizado por Nagle (2017) e Vilaça; d'Andréa (2021) e Vilaça (2025), que se refere à produção de si como uma subversão à cultura *mainstream*, nesse caso, das masculinidades, colocando uma suposta masculinidade normativa como inimiga. Dessa forma, essas subculturas constroem um oponente com quem lutar, constituindo uma guerra cultural. Essas subculturas possuem formação consolidada, com afinidades políticas dominantes, contudo essas subculturas mantêm o discurso vitimista e marginalizado. Ainda vale destacar que são “subculturas”, constituídas de divergências e similaridades.

Entre o gosto legítimo e a mulher ardilosa: classificações de gênero em um curso de sedução – Maria Chaves Jardim; Marcelo da Silva Junior – p. 63-86

“pílula vermelha” do filme Matrix, que significa o suposto rompimento com os padrões hegemônicos da realidade. Os membros desses grupos acreditam na dominação das mulheres sobre os homens e “tomar a pílula” significaria um despertar dos homens para esse sistema de opressão. A filosofia TRP tem um sistema de crenças no qual se combinam o patriarcado e a supremacia branca (Vilaça; D’Andrea, 2021; Da Silva, 2023). Além da perspectiva misógina na relação com as mulheres, a TRP sustenta a relação amorosa com as mulheres baseada no darwinismo social (Valkenburgh, 2018).

Da Silva (2023), em sua dissertação de mestrado, busca fazer um mapeamento no aplicativo Instagram, identificando contas com a temática masculinista. Assim, o autor faz a separação entre masculinidades progressistas e masculinidades tradicionais, de cunho conservador. A pesquisa etnográfica constatou diferentes contas de masculinidade, demonstrando que existem posicionamentos pró-feministas de característica progressista, conhecidos como masculinidades ‘saudáveis’, e posicionamentos conservadores antifeministas.

Em paralelo, Vilaça e D’Andrea (2021) classificam as masculinidades em conservadoras e alphas, que buscam conquistar e subjugar suas parceiras sexuais (Vilaça; D’Andrea (2021).

Por fim, os estudos sobre masculinidades online têm avançado, mas ainda são escassas as pesquisas dedicadas aos *Pickup Artists* (PUAs ou “artistas da sedução”), apesar da expressiva quantidade de inscritos e visualizações mobilizada por esse nicho em diversas plataformas digitais. Nesse sentido, esse artigo busca contribuir para os estudos sobre masculinidades ao analisar especificamente esse universo e as classificações de gênero produzidas e difundidas em um curso de sedução masculina.

ETNOGRAFIA VIRTUAL: APRESENTANDO O ESPAÇO EMPÍRICO E OS DADOS

A pesquisa analisou um canal do YouTube que chamaremos de “Canal de Sedução”. Trata-se de um canal com 700 mil seguidores, liderado por um homem cisgênero, branco, na faixa dos 40 anos, de classe média, oriundo da região sul do Brasil. Esse agente social, que chamaremos apenas de youtuber, considera-se professor da

Entre o gosto legítimo e a mulher ardilosa: classificações de gênero em um curso de sedução – Maria Chaves Jardim; Marcelo da Silva Junior – p. 63-86

sedução e ensina homens na faixa dos 18-30 anos a conquistarem mulheres. A seleção desse canal deu-se por se tratar de um dos primeiros canais de sedução masculina no Brasil e pelo alto número de visualizações de suas aulas, cerca de um milhão.

Nesse canal, analisamos cinco aulas publicadas em novembro de 2019. Essas aulas constituem um tipo de marketing, o qual leva ao seu curso privado de 100 aulas, o qual adquirimos. Portanto, nosso corpus empírico é composto por 105 aulas (100 aulas privadas e 05 públicas). Devido a aquisição desse curso, o segundo autor passou a fazer parte de um grupo de WhatsApp, liderado pelo youtuber. A experiência no grupo trouxe a possibilidade de maior contato com os discursos divulgados pelo promotor de crenças sobre o feminino.

O corpus empírico foi submetido a uma análise temática em três etapas, inspirada no protocolo de Laurence Bardin (2009). Primeiro, realizamos leitura flutuante de todo o material e criamos hipóteses exploratórias, registrando temas recorrentes em diário de campo. Em seguida, codificamos as unidades discursivas referentes às representações do feminino, do masculino, da rejeição, da conquista e do consentimento. Por fim, agrupamos os códigos em categorias interpretativas. Este artigo concentra-se nas categorias “mulher ardilosa” e “homem conquistador”, selecionadas por sua recorrência e por sua centralidade na organização normativa do curso.

MULHER ARDILOSA

O discurso mais presente no material é que a mulher é, por natureza, manipuladora e ardilosa. No dicionário de língua portuguesa Aurélio (Ferreira, 2019), a palavra ardilosa é um adjetivo que significa usar esperteza para obter algo que se deseja. Os sinônimos de ardilosa são astuta, astuciosa, manhosa, enganadora e velhaca. No curso analisado, ardilosa pode ser, ainda, manipuladora, profana, cruel, traidora e interessada em dinheiro. Em nossa análise, trata-se de mulheres que merecem o ódio do masculino hegemônico, expresso no nojo e na desqualificação.

Contudo, nem todas as mulheres são consideradas ardilosas pelo youtuber, mas apenas aquelas que não foram suficientemente socializadas para o casamento, trocando com frequência de parceiros. Portanto, são mulheres que “rejeitam o amor” e, justamente

Entre o gosto legítimo e a mulher ardilosa: classificações de gênero em um curso de sedução – Maria Chaves Jardim; Marcelo da Silva Junior – p. 63-86

por isso, são culpabilizadas pela insatisfação dos desejos masculinos. Segundo o discurso divulgado, são mulheres que traem os homens e que não fazem sacrifícios para agradá-los.

O depoimento abaixo, divulgado em uma aula sobre desilusão amorosa, reflete o tom do discurso, que não aceita que o homem seja rejeitado por uma mulher.

Tabela 1. Rejeição amorosa e responsabilização feminina

“E não deu outra, depois de um mês, um mês e meio, uma amiga dela veio me dizer que não queria mais ficar comigo. E umas duas ou três semanas depois ela começou a ficar com esse cara (...)”.

Fonte: banco de dados da pesquisa.

No discurso abaixo, o youtuber está em um módulo de “assuntos questionadores”, que são tipos de perguntas para iniciar conversas com mulheres e acaba fazendo comentários sobre esse tipo de mulher, a ardilosa:

Tabela 2. Julgamento moral da mulher e suspeita de infidelidade

“Qual é a maior mentira que você já contou pra alguém?” Essa pergunta é muito boa para você saber um pouco da índole da garota, né? Vamos supor que a garota fala assim, aí, uma vez eu menti pro meu ex-namorado para sair com outro cara, poxa, velho, você já sabe que a mina gosta de dar uns perdido por aí. Então se você tem que ficar ligado, entendeu?”.

Fonte: banco de dados da pesquisa.

Também foi reforçado no curso que a mulher ardilosa é aquela que gosta de provocar, de seduzir, mas que não quer um relacionamento: “Elas gostam de provocar, cara. Isso tá na natureza da mulher, sabe?” (youtuber e proprietário do Canal de Sedução). No contexto em que classifica a mulher como ardilosa, o youtuber cita as mulheres feministas como inimigas, assim como o feminismo como responsável pela perda do poder masculino.

Entre o gosto legítimo e a mulher ardilosa: classificações de gênero em um curso de sedução – Maria Chaves Jardim; Marcelo da Silva Junior – p. 63-86

Tabela 3. Feminismo como ameaça ao poder masculino

“Eu tinha medo de tipo lançar um vídeo hoje e amanhã ter um monte de feministas tacando pedra na minha casa, sabe?”.

Fonte: banco de dados da pesquisa.

Também são creditados ao feminismo os fracassos afetivos e sexuais do masculino. Considerando a ideia de perigo em Douglas (1996), as feministas precisam ser eliminadas, pois ajudam a contaminar as mulheres “ideais” com crenças de autonomia e desapego do masculino.

Tabela 4. Percepção de perda do poder masculino

“A sociedade hoje tá podando o poder masculino e é por isso que muitas vezes você não consegue os resultados com as mulheres”.

Fonte: banco de dados da pesquisa.

O corpus empírico nos permite concluir que a mulher ardilosa é aquela que tem autonomia afetiva e sexual e não se submete à dominação do masculino. Essa mulher recebe o desprezo e o nojo do masculino, que, por sua vez, busca como ideal a mulher passiva, que sabe cuidar do homem e do relacionamento afetivo. Resgatando mais uma vez a ideia de pureza e perigo de Douglas (1996), a mulher ardilosa não seria merecedora do amor masculino, mas do seu ódio, pois estaria contribuindo para a criação da desordem social, já que colocaria em perigo a cultura de dominação masculina.

HOMEM CONQUISTADOR

O material analisado aborda a crença do homem como conquistador, como veremos a seguir. A construção do homem conquistador está relacionada à masculinidade hegemônica, ou seja, virilidade, poder, força e uso do sexo na conquista.

No fragmento a seguir, a mulher não aparece apenas como objeto da conquista, mas como meio de conversão da experiência sexual em reconhecimento do masculino. O valor do conquistador depende da circulação, entre homens, de sinais de sucesso com mulheres.

Entre o gosto legítimo e a mulher ardilosa: classificações de gênero em um curso de sedução – Maria Chaves Jardim; Marcelo da Silva Junior – p. 63-86

Tabela 5. Conquista, aprovação social e valor masculino

“E cara, isso também ativa um gatilho mental da aprovação social, porque, queira ou não, eu vou ensinar gatilhos mentais mais pra frente, mas é aquele gatilho mental da aprovação social, fala assim, pô, se o cara chavequeiro, ele conversa com várias garotas, se ele conversa com várias garotas, é porque ele tem resultado. **Se ele tem resultado, é porque ele tem valor**”.

Fonte: banco de dados da pesquisa.

Igualmente, o poder de conquista do masculino aparece muito conectado ao sexo e ao dinheiro. Para o youtuber, homens poderosos são homens que podem pagar por mulheres ou que têm mulheres dispostas a agradá-los. Esses homens teriam sexo à disposição, sendo o sexo considerado uma parte muito importante da conquista.

Tabela 6. Experiência sexual como atributo de valor masculino

“Mostra para a mulher que você sabe fazer sexo. Homens gostam de mulheres virgens, mas dificilmente o sonho de uma mulher é sair com um homem virgem, elas querem homens experientes”.

Fonte: banco de dados da pesquisa.

A frase abaixo, ensinada pelo youtuber aos seus alunos, expressa a autoestima do masculino, que detém o poder sobre as mulheres e que se sabe legítimo, puro e representante da ordem social. Justamente por tudo isso, jamais espera ouvir não de uma mulher. E quando ouve não, classifica essa mulher de ardilosa, pois os homens não foram educados para serem rejeitados pelo feminino, mas para a sua dominação.

Tabela 7. Recusa feminina e naturalização da iniciativa masculina

“O que você faria? Se eu te roubasse um beijo agora?” .

Fonte: banco de dados da pesquisa.

Segundo o youtuber, a mulher rejeitou seu beijo e lhe deu um tapa na cara, o que ele analisou como uma falta de calibragem, minimizando a falta de respeito e o assédio contra a mulher.

Entre o gosto legítimo e a mulher ardilosa: classificações de gênero em um curso de sedução – Maria Chaves Jardim; Marcelo da Silva Junior – p. 63-86

Finalmente, o corpus analisado permite relacionar a conquista ao abuso ou mesmo ao assédio, como mostra o depoimento abaixo.

Tabela 8. Embriaguez feminina como oportunidade de abordagem

“Eu aproveitava muito a oportunidade de saideira de balada para conhecer várias garotas, tá? Interagir, porque aquela galera às vezes está mais bêbada, às vezes a pessoal tá ali, não tem tanto som alto, é um ambiente que dá pra conhecer, sabe? Então, lanchonetes de saideira, de balada, isso aí é uma abordagem bem legal de você abordar. Você pode abordar um grupo de garotos falando: “nossa, que lindas, parecem uns monstros se alimentando”.

Fonte: banco de dados da pesquisa.

Ao apresentar a embriaguez como condição favorável à abordagem, o discurso naturaliza o abuso e negligencia a capacidade de consentimento da mulher. O fragmento não prova a ocorrência de abuso, mas é importante trazê-lo, pois revela uma pedagogia da conquista, inserida na cultura masculina, pouco orientada pelo respeito ao feminino. Portanto, esse fragmento permite concluir que o homem, até então divulgado como conquistador, faz uso de situações extremas para obter sexo de uma mulher, como se aproveitar do fato de que ela ingeriu bebida alcóolica. Essa frase claramente dialoga com a ideia de misoginia.

O discurso de ódio ou misoginia que apareceram nos dados dialoga com as teses de Manne (2018), para quem a misoginia está associada ao ódio às mulheres, manifestando-se por meio de atitudes hostis e violentas contra aquelas que deixam de cumprir os papéis esperados. Portanto, essas mulheres mereceriam a desconfiança ou a correção masculina, porque recusaram a função afetiva e sexual esperada. Em nosso artigo, o nojo e o desprezo pela mulher autônoma aparecem como eufemismos do ódio e da misoginia.

ENTRE O GOSTO LEGÍTIMO E A MULHER ARDILOSA: POSSIBILIDADES ANALÍTICAS

O conjunto do material analisado permite afirmar que o youtuber coloca as mulheres como agentes passivas, esperando que os homens cumpram seus papéis relacionados aos jogos de poder. Também houve uma recorrência do discurso de infantilização da mulher, assim como o tratamento dela dentro de alguns estereótipos, como fofoqueira, mimada e descontrolada.

O artigo deu destaque à crença da mulher como artilosa, aquela que não se submete à dominação masculina e que possui autonomia afetiva e sexual. Nesse sentido, o youtuber define mulheres que rejeitam a sedução masculina como as responsáveis pelo sofrimento afetivo masculino e são, portanto, consideradas cruéis e sem coração. É como se a mulher fosse uma serpente, que se tornaria passiva apenas por meio da hipnose, que, no caso estudado, representa a conversa, o poder e o dinheiro.

A mulher idealizada pelo youtuber corresponde a um arquétipo passivo, predisposto a aceitar abordagens diversas, desde que realizadas com atitude, confiança e habilidade pelo masculino. Esse discurso é ilustrado em um de seus vídeos, quando o youtuber sugere que, ao abordar uma mulher desconhecida em uma festa, um homem dificilmente enfrentaria rejeição à possibilidade de ser amigo dela.

As crenças sobre o feminino são permeadas por afirmações machistas, e o youtuber oferece dicas que podem ser interpretadas como ódio ao feminino, como “para pegar a mulher mais bêbada da festa”. A mulher dita artilosa aparece como a impura, a que deve ser evitada, o nojo. Por outro lado, o artigo destaca a presença de um discurso que empodera o masculino hegemônico, tido como naturalmente o conquistador de mulheres. Essa lógica de poder fica clara quando o youtuber aprofunda um tema muito frequente no curso: a figura da mulher passiva e objeto. Nesse contexto, a conquista é apresentada como elemento central para o homem, já que conquista, poder e sexo andariam juntos.

No que se refere ao sexo, esse é colocado como um elemento central para a construção da conquista masculina, visto como um fio condutor nos relacionamentos afetivos. O ato sexual seria uma demonstração de poder sobre a mulher, reafirmando sua posição enquanto homem e mantendo a relação de dominação. Essa perspectiva encontra

Entre o gosto legítimo e a mulher artilosa: classificações de gênero em um curso de sedução – Maria Chaves Jardim; Marcelo da Silva Junior – p. 63-86

eco na análise de Bourdieu (2019), que interpreta o sexo como uma forma de dominação em estado puro, representada pela apropriação simbólica e física da mulher.

Segundo Bourdieu (2019), a erotização masculina é frequentemente associada à agressividade, reforçada pela centralidade da penetração e do orgasmo masculino, que, por sua vez, é conectado ao orgasmo feminino como uma validação da virilidade masculina. Essa relação de dominação sexual reflete a construção do homem como agente ativo e viril, em contraste com a mulher, que é culturalmente condicionada a uma postura de espera e receptividade. Essa oposição reafirma a dinâmica de dominante e dominado que condiciona a lógica androcêntrica das relações sociais e sexuais (Bourdieu, 2019).

Por fim, a crença do homem conquistador, ativo na sedução, aparece como o principal tópico do curso. O artigo não abordou a percepção dos consumidores desse curso, mas acompanhamos em um grupo de WhatsApp a reação dos alunos, o que nos permite afirmar que esses aspiram a ser reconhecidos pelos outros homens como parte da masculinidade hegemônica de postura conquistadora.

Em diálogo com Bourdieu (2007; 2019) e Douglas (1991), o homem é visto pelo youtuber como o gosto legítimo, o puro, enquanto a mulher que não se submete ao masculino é tida como o gosto desclassificado, o nojo, o impuro, a que deve ser odiada e evitada. No corpus analisado, houve um esforço constante do youtuber para comprovar que o homem é um conquistador nato e a conquista é um elemento simbólico para os homens contarem vantagens nas conversas com outros homens.

CONCLUSÃO

O curso analisado não apenas oferece técnicas de aproximação, mas ensina um princípio de classificação moral das relações afetivo-sexuais. A conquista funciona como prova de valor masculino, sobretudo diante de outros homens, enquanto a recusa feminina é traduzida em manipulação, frieza ou deslealdade. As crenças difundidas protegem a autoestima e a autoridade masculinas ao deslocar para as mulheres parte da responsabilidade pelo fracasso da interação.

O diálogo com Bourdieu (2007; 2019) permite compreender a legitimação dessa disposição conquistadora; Douglas (1991) ajuda a interpretar a mulher autônoma como

Entre o gosto legítimo e a mulher ardilosa: classificações de gênero em um curso de sedução – Maria Chaves Jardim; Marcelo da Silva Junior – p. 63-86

figura que perturba a ordem de gênero e nos ajuda a pensar o caráter punitivo das representações dirigidas às mulheres que não oferecem atenção, cuidado ou disponibilidade sexual e afetiva ao homem. A autora nos permite entender o ódio destilado contra as mulheres, especialmente aquelas que não se enquadram nas classificações morais existentes na sociedade e nas expectativas afetivas e sexuais masculinas. Portanto, ódio e nojo seriam sinônimos nesse caso. Por fim, o medo do masculino de que as mulheres tidas como ideais sejam contaminadas com a transgressão das mulheres autônomas, faz com que os homens expressem ódio pelas feministas e pelas mulheres tidas como ardilosas.

O corpus empírico analisado reforça os dados que Bourdieu apresenta no livro *A dominação masculina*, que o homem é construído para a dominação (Bourdieu 2019). Também reforça a tese de Bourdieu, defendida no livro *A Distinção*, sobre a existência de um gosto distinto e legítimo. Aqui o masculino hegemônico representaria esse lugar de poder natural, enquanto todos os fracassos masculinos são creditados ao feminino ardiloso, que não se apega ao amor, que troca de relacionamento com frequência. Para o youtuber, os homens que não buscam ser dominantes são tratados como estagnados, podendo até sofrer coerções de amigos através de piadas sobre sua masculinidade ou questionamentos sobre sua postura.

Os dados indicam que, enquanto mulheres que não se submetem ao masculino são tratadas com desprezo, como ardilosas, culpadas pelo sofrimento masculino, os homens são incentivados a expandir suas experiências amorosas e a conquistar o maior número possível de mulheres, conforme declarado aos alunos: “Quanto mais mulheres vocês conhecerem, mais tem chance de encontrar a certa” (youtuber e proprietário do Canal de Sedução).

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BOTTON, F.B. As Masculinidades em questão: uma perspectiva de construção teórica. **Revista Vernáculo**, n. 19 e 20, 2007.

Entre o gosto legítimo e a mulher ardilosa: classificações de gênero em um curso de sedução – Maria Chaves Jardim; Marcelo da Silva Junior – p. 63-86

BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. Tradução de Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

CONNEL, R. W; MESSERSCHMID, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.2, n.1, p. 424, jan-abr/2013.

CONNELL, R. **Políticas da Masculinidade**. Educação e Realidade, Porto Alegre. Vol. v.20, n.2, 1995.

DA SILVA, R. R. **As Novas “Novas” Masculinidades: As Identidades e as Crises do Gênero Masculino na Plataforma Instagram**. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2023. Disponível em: <http://app.uff.br/riuff/handle/1/28654>. Acesso em 30 out. 2023.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo: ensaio sobre a noção de poluição e tabu**. Tradução de Sônia Pereira da Silva. Lisboa: Edições 70, 1991.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GING, D. Alphas, Betas, and Incels: Theorizing the Masculinities of the Manosphere. **Men and Masculinities**, 2017. p. 1-20.

JARDIM, M. C; PAOLIELO, R.M. Abandono, solidão e desistência do amor: o racismo como elemento excludente de mulheres pretas no mercado do afeto. **Revista TOMO**, v.41, p.87-126, 2022.

JARDIM, M. C. Para além da fórmula do amor: amor romântico como elemento central na construção do mercado do afeto via aplicativos. **Política & Sociedade**, Florianópolis, v.18, n. 43, set.-dez. 2019.

JARDIM, M. C; MOURA, P. J.C.A. A construção social do mercado de dispositivos de redes sociais: a contribuição da sociologia econômica para os aplicativos de afeto. **Revista Tomo**. n. 30, jan- jun. 2017.

JARDIM, M. C; SOUZA, P. H. C; VIEIRA, M. T. A masculinidade e o amor como construção social: a busca por relacionamentos saudáveis no grupo “Lugar de Escuta”. **Revista Entre Rios do Programa de Pós-Graduação em Antropologia**, v. 6, p. 179-204, 2023.

JARDIM, M. C; SOUZA, T.C.C. “Sociologia do Amor: a construção do amor como tema de estudo nas Ciências Sociais”. **Revista Brasileira de Sociologia**, 2024.

Entre o gosto legítimo e a mulher ardilosa: classificações de gênero em um curso de sedução – Maria Chaves Jardim; Marcelo da Silva Junior – p. 63-86

KIMMEL, Michael. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas". **Horizontes Antropológicos** – Corpo, Doença e Saúde. Porto Alegre. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS, n. 9, p. 103-117, 1998.

MANNE, K. **Down girl, the logic of misogyny**. New York: Oxford University Press. 2018.

MISKOLCI, R. San Francisco e a nova economia do desejo. **Lua Nova.**, n.91, p.269-295, 2014.

NAGLE, A. **Kill all normies**: online culture wars from 4chan to Tumblr to Trump and the alt-right. Winchester: Zero Books, 2017.

PAMPLONA, R. S; BARROS. B. W. As masculinidades à brasileira: um balanço das produções sobre o tema nos periódicos científicos, **BIB**, São Paulo, n. 95, p. 1-20. mar. 2021.

PELÚCIO, L. Afetos, mercado e masculinidades contemporâneas: notas iniciais de uma pesquisa em aplicativos móveis para relacionamentos afetivos/sexuais. **Contemporânea**, v. 6, n. 2, p. 309-333, jul.dez. 2016

PINHO, O. A. "Etnografias do brau: corpo, masculinidade e raça na reafricanização em Salvador" **Estudos Feministas**, v.13, p. 127-145, 2005.

STABILE, Arthur. **Feminicídios batem recorde no Brasil, na contramão do menor número de assassinatos em 13 anos**. G1, 23 jul. 2026. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2026/07/23/anuario-seguranca-publica-2025.ghtml>. Consultado em 06 set. 2026.

SANTINI, R. M; SALLES, D; BELIN, L. L; BELISÁRIO, A; MATTOS, B; MEDEIROS, S. G.; MELLO, D; GRAEL, F; SEADE, R; BORGES, A; MURAKAMI, L; CARDOSO, R; DAU, E; LOUREIRO, F; YONESHIGUE, B; CARMO, V; MAIA, F. **Aprenda a evitar ‘esse tipo’ de mulher**: estratégias discursivas e monetização da misoginia no YouTube. Rio de Janeiro: NetLab – Laboratório de Estudos de Internet e Redes Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Publicado em dezembro de 2024.

SANTOS, M. A; LIMA-SANTOS, A. V. S. Incels e Misoginia On-line em Tempos de Cultura Digital. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Rio de Janeiro. v. 22. n. 3. p. 1081-1102. set/dez de 2022.

VILAÇA. G; D'ANDRÉA. C. Da manosphere à machosfera: práticas (sub)culturais masculinistas em plataformas anonimizada. **Dossiê Guerras Culturais**. Disponível em: <https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>. v. 24, n. 2, 2021.

VILAÇA, G, F. Ambiências homosociotécnicas: uma investigação sobre a machosfera, memes de internet e o r/brasilivre com o Reddit. 2024. Tese (Doutorado em Comunicação

Entre o gosto legítimo e a mulher ardilosa: classificações de gênero em um curso de sedução – Maria Chaves Jardim; Marcelo da Silva Junior – p. 63-86

Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2024. Disponível em: Repositório Institucional da UFMG. Acesso em: 4 ago. 2026.

ZELIZER, V. **A negociação da intimidade**. Coleção Sociologia. Tradução de Daniela Barbosa Henriques. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

ZELIZER, V. Dualidade perigosa. **Revista Mana**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 237-256, 2009.

Recebido em: 15/08/2026 Aprovado em: 03/9/2026

Entre o gosto legítimo e a mulher ardilosa: classificações de gênero em um curso de sedução – Maria Chaves Jardim; Marcelo da Silva Junior – p. 63-86